

ABR. 2024
VOL. 009

Aqui há futuro!

INSPIRA A MUDANÇA

entrevista

Fernando Santos

*Abrir os partidos à sociedade
não pode ser apenas um
sound-bite.*

índice

4. É HORA DE MUDAR

FERNANDO SANTOS

6. VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

PAULO OLIVEIRA

8. ENTREVISTA

FERNANDO SANTOS

14. O FOÇO E O POÇO DOS PORTUGUESES

LILIANA MOREIRA PINTO

15. O PSD EM OEIRAS MERECE MUITO MAIS!

JOSÉ SOARES

16. FUGA DE TALENTOS PARA O EXTERIOR

JOSÉ GATO BONITO

18. LIVROS

AS CAUSAS DO ATRASO PORTUGUÊS DE NUNO PALMA

19. PELOS CAMINHOS DE...

PARQUE DOS CISNES, MIRAFLORES

19. CARTOON - O CONDE E O MARQUÊS

SENHOR PATINHOS

20. A MOBILIDADE DE OEIRAS

PEDRO FONSECA

"A coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras."

Winston Churchill



editorial

É hora de MUDAR



FERNANDO SANTOS
POLÍTICO



Há um mês atrás, o país decidiu voltar a acreditar. A acreditar num futuro que na última década nos havia sido roubado.

Este sábado, cabe ao militantes do PSD Oeiras eleger os novos órgãos para o biénio 2024/2025 e decidir se querem continuar com a estratégia política que conduziu o PSD aos piores resultados autárquicos de sempre em 2021, com apenas 7.91% dos votos.

Os próximos dirigentes do PSD Oeiras terão a responsabilidade de elaborar o programa

eleitoral e as listas de candidatos para as próximas eleições autárquicas, o que se afigura determinante para o futuro dos oeirenses e do nosso partido a nível local.

Cientes deste compromisso o movimento Aqui há Futuro! apresenta-se a votos com a LISTA B, onde tenho o prazer de ser candidato a presidente da Comissão Política.

Queremos um PSD que volte a ser um grande partido, o maior partido em Oeiras, orgulhoso do seu passado, mas de olhos postos no futuro.

Queremos um PSD imaginativo, atrativo e capaz de inspirar um novo ciclo de desenvolvimento para o nosso concelho.

Um PSD onde se respire liberdade e todos os militantes sejam chamados a participar nos processos de decisão, num ambiente de proximidade, diálogo e respeito pela diversidade das suas opiniões.

Apresentamos uma candidatura agregadora, que acredita na riqueza de participação de todos os militantes, assim como no



valor acrescentado que têm para aportar à comunidade! Uma candidatura de todos os militantes que querem dar ao PSD a relevância de outrora.

Por isso contamos consigo! Contamos com o seu voto no dia 13 de abril e com a sua participação e empenho na construção desta candidatura e desta força de mudança.

Esta é a hora!
A hora de MUDAR e de acreditar que AQUI HÁ FUTURO! 

Comissão Política

 Fernando Santos Presidente	 Alda Lima Vice-Presidente	 Pedro Fonseca Vice-Presidente	 José Soares Secretário
 Raquel Mazzeo Vogal	 Victor Carmona Vogal	 Mónica Correia Vogal	 Diogo Ribeiro Vogal
 António Marques Vogal	 Rodrigo Sousa-Pinto Suplente	 Ana Tavares Suplente	 Carlos Barrocas Suplente
 Vitor Vasques Suplente	 Henrique Mendes Suplente	 André Remígio Suplente	 Rodrigo Santos Suplente

Mesa da Assembleia

 Ricardo Lino Rodrigues Presidente	
 Custódio Paiva Vice-Presidente	 Lúcia Fonseca Secretária
 Helder de Sá Suplente	 Maria Praça Suplente



cidadania

Voando sobre um ninho de Cucos



PAULO OLIVEIRA
CORONEL
MESTRE EM CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

"A globalização, em diversas épocas e formatos, sempre ocorreu transgredindo civilizações na conquista de domínios territoriais. As civilizações antigas sempre procuraram expandir as suas influências sociais, culturais e económicas para além das suas fronteiras, ao abrigo, não raras vezes, do poder de dominação pela força. E neste domínio, a Europa vive atualmente momentos complexos, pois a conjuntura geoestratégica mudou, o que leva a crer que caminhamos para uma nova ordem mundial.

Já não somos mais aquele país no canto da Europa, onde, pensando alguns, os problemas e as preocupações com as

guerras era só lá no longínquo, bem longe da nossa realidade territorial. Hoje, com as ameaças vindas de Leste, obriga, de facto, a uma mobilização dos europeus, dando prioridade às aquisições conjuntas no domínio da defesa, quer à produção, quer à aquisição de equipamento militar, ajudando a reduzir as fragilidades e a aumentar a interoperabilidade entre os Estados Membros.

Quando estamos perante uma agressão na Europa, contra a Ucrânia, quando estamos perante uma Guerra híbrida da Rússia contra os Estados-membros da EU, torna-se necessário diminuir as probabilidades de uma agressão contra um de nós.

É hora de levar a sério, e sem tempo a perder, da constituição de uma verdadeira defesa europeia.

Os recentes comentários do antigo Presidente dos Estados- Unidos, Donald Trump, fazem transparecer uma realidade, ocultada por muitos, em que a capacidade de defesa contra um ataque militar à Europa, depende, sobretudo, da ajuda dos Estados- Unidos, o que leva a concluir que a EU deve aumentar a sua capacidade de defesa para não depender dos EUA, até porque, não é por falta de recursos financeiros que justificam esta fragilidade.





INSPIRA A MUDANÇA

A este respeito, as despesas militares dos Estados-membros da UE somaram em 2022, 240 mil milhões de euros, idênticas ao orçamento da China e mais do dobro do da Rússia. Mas o problema é a fragmentação entre os vários países, que ainda não apostaram verdadeiramente em juntar esforços nesta área da defesa conjunta.

Não basta ter uma indústria de defesa tecnologicamente evoluída, são necessárias pessoas com competências e capacidades capazes de nela operarem.

Neste âmbito, é necessário reequacionar o serviço militar obrigatório, numa vertente mista, sendo tendencialmente uma medida capaz de garantir uma maior disponibilidade da população para a defesa. Trata-se também de um exercício de cidadania que em muito contribui para os jovens se integrarem na sociedade civil, com sentido de missão, responsabilidade e foco no compromisso, fomentando uma nova consciencialização assente em interesses superiores.

É importante ter umas Forças Armadas atrativas para os jovens, é tempo de perceber que já não basta voar, é preciso agir. 

AQUI HÁ FUTURO!



entrevista

FERNANDO SANTOS

Abrir os partidos à sociedade não pode ser apenas um sound-bite e tem que passar, numa primeira instância, por criar processos de tomada de decisões mais transparentes e participativos.

Qual foi a sua motivação para entrar na política tão jovem?

Essa pergunta é interessante, porque ao contrário do que possam pensar, só entrei na política aos 21 anos, na altura para a JSD de Algés.

No entanto, o interesse pela política já vinha de trás, através da participação nas associações de estudantes das escolas por onde passei.

Sempre defendi que os jovens não devem entrar demasiado cedo na política. Acredito que primeiro devem amadurecer o seu próprio pensamento e convicções, envolverem-se com a comunidade e só depois aderir a um partido político.

A minha motivação penso que vem de um sentido de justiça que é muito meu e que me leva muitas vezes a procurar causas comuns, ao invés do benefício próprio. Já a minha preferência pelo PSD veio dos governos do professor Aníbal Cavaco Silva.

E porquê a Social-Democracia?

Porque é a ideologia política com que mais me identifico. Apesar de ser relativamente liberal nos costumes e um fervoroso defensor da liberdade política e de acreditar que o principal instrumento de

inovação e desenvolvimento económico e social de um país é a iniciativa privada, também acredito na importância do papel central do estado na regulação e mitigação das falhas de mercado. Essa teoria de que os mercados por si só se regulam é uma fantasia e a verdade é que, dentro dos países da OCDE, os países com mercados menos regulados são também aqueles em que existem mais desigualdades sociais.

A social-democracia o que tenta fazer é precisamente estabelecer um equilíbrio entre aquilo que é um desenvolvimento profícuo da iniciativa privada, naturalmente voltada para o lucro e a perseguição de objetivos comuns, com vista à diminuição das desigualdades sociais e económicas. A social-democracia é, no meu entender, a mais justa das ideologias políticas contemporâneas e aquela que melhor permite o desenvolvimento pleno do ser humano, independentemente das suas origens.

É também uma doutrina de liberdade, bom senso e tolerância.

É fácil participar ativamente num partido político?

Eu diria que entrar para um partido político é fácil. Agora, participar ativamente tem os seus desafios. Os partidos políticos tradicionais, como o PSD, estão muito fechados sobre si próprios e muito hierarquizados. E infelizmente os processos de tomada de decisão implementados não estão preparados para envolver os militantes de base nas decisões estratégicas. Ou seja, as decisões são normalmente tomadas à porta fechada por uma certa nomenclatura e raramente publicitadas ou debatidas com a abrangência necessárias.

Veja-se o caso do PSD Oeiras, que não realiza uma assembleia de militantes há cerca de dez meses, quando os estatutos obrigam a que seja no mínimo de três em três meses. Nesta matéria há muito a fazer.

Abrir os partidos à sociedade não pode ser apenas um sound-bite e tem que passar, numa primeira instância, por criar processos de tomada de decisões mais transparentes e participativos.

FERNANDO SANTOS É LICENCIADO EM CIÊNCIA POLÍTICA E PÓS-GRADUADO EM ECONOMIA. FOI INVESTIGADOR UNIVERSITÁRIO NO CENTRO DE ADMINISTRAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS E EXERCE AS FUNÇÕES DE TÉCNICO SUPERIOR NO DEPARTAMENTO FINANCEIRO DO SNQTB DESDE 2010. É PRESIDENTE DO SINDICATO INDEPENDENTE DO COMÉRCIO E SERVIÇOS, MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA DA UNIÃO DOS SINDICATOS INDEPENDENTES, FUNDADOR DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, E CONSELHEIRO NACIONAL DOS TRABALHADORES SOCIAL-DEMOCRATAS.

AQUI HÁ FUTURO!

Se um militante de base só é chamado a participar de dois em dois anos, quando há eleições... Então isso é muito pouco para os motivar ou para envolver os melhores quadros na vida de um partido político.

Quais são os maiores obstáculos para que os partidos tenham uma renovação de quadros com maior frequência?

Penso que a única forma de ultrapassar esses obstáculos é através da introdução de primárias abertas para os cargos dirigentes e para os candidatos a funções públicas. Seria uma forma extraordinária de abrir o PSD à sociedade e chamar a comunidade a participar na vida dos partidos.

Quais são os seus políticos de referência nacional e internacional e porquê?

A nível nacional naturalmente o professor Cavaco Silva. Não que tivesse sempre concordado com ele, mas porque o vejo como um verdadeiro social democrata, e como um político ímpar no panorama português. Mesmo com a idade que tem, continua a ser um exemplo de um sentido de estado sem paralelo, e de um intelecto e capacidade de análise que só nos pode orgulhar. Para mim o melhor político português, de longe, desde o 25 de abril, para cujo sucesso também contribuiu a sua rivalidade com Mário Soares, que também gostaria de salientar pela sua capacidade de nunca desistir de lutar. Há que não ter medo de elogiar os

Fernando Santos tem tido um papel ativo na divulgação de causas locais



nossos adversários. O mundo não é a preto e branco e, na política, não deve haver lugar a maniqueísmos.

A nível internacional, neste momento, sem dúvida Vlodimir Selensky, pela sua capacidade de, nas circunstância mais terríveis, dizer ao mundo que a liberdade não tem preço, e diariamente nos presentear com a sua coragem e determinação.

Quais são os valores fundamentais que acredita serem essenciais para um líder político?

Tantas... Perdoem-me a redundância, mas acredito que um líder deve liderar pelo

exemplo. Por isso, para além de uma visão bem estruturada do que quer para a sociedade, um bom líder político tem que possuir uma enorme capacidade de trabalho e sentido de responsabilidade. E tem que ter a ética e um apurado sentido de justiça sempre presentes nas suas decisões. E por fim, pelo que deve ser uma pessoa divertida e empática, que goste os outros.

A vida é muito curta para nos levarmos muito a sério e não percebermos a importância do amor. Aqui cito Sá carneiro, um bom líder político, se um dia tiver que escolher entre a política e a sua família, deve escolher sempre a sua família.

Como é que a sua experiência profissional influenciou a sua abordagem política?

Bem, eu licenciiei-me em ciência política, e só isso mudou a minha abordagem aos fenómenos políticos, principalmente do ponto de vista sistema e histórico. Isso leva-me a ser um "analista" mais moderado dos fenómenos políticos, e a ter perspetivas alicerçadas em dados concretos. Por outro lado, sei que às vezes posso ser um pouco irritante das conversas de café mais dadas ao "achismo" e às narrativas populistas.

Depois fiz uma pós graduação em economia e trabalho há 14 anos como técnico superiores na área financeira no sindicato dos quadros e técnicos bancários, e essa experiência é muito importante para todas as áreas da minha vida, não apenas na política.

Sou também presidente de um sindicato e isso dá-me uma visão mais aprofundada das dificuldades das famílias portuguesas, e do quanto ainda há por fazer em Portugal.

O PSD tem que voltar a falar com os trabalhadores, tem que voltar a estar nos sindicatos, e tem que perceber que é da cooperação entre as empresas e trabalhadores que vem o desenvolvimento económico do país.

Todos são fundamentais para que as engrenagens do país se movam e nos façam avançar rumo ao futuro.



Fernando Santos com Conceição Monteiro, na entrevista realizada no Volume 2 da revista "Inspira a Mudança"

AQUI HÁ FUTURO!

Qual é a sua abordagem para lidar com críticas e divergências de opinião dentro e fora da sua base de apoio?

A minha abordagem é simples. Nunca abandonado as minhas convicções, saber ouvir as opiniões de todos e tentar promover consensos. Temos que entender as críticas como parte normal do processo dialético, e aprender a crescer com elas.

Um sistema democrático sem oposição funciona?

Bem, em Oeiras algumas pessoas dizem que sim, mas eu acredito que a ausência de fiscalização e de alternativas sérias ao poder político instalado, seja onde for, apenas servem para promover a estagnação e a proliferação de fenómenos menos positivos como o compadrio, a intolerância e a corrupção. Um defensor da liberdade tem que saber lidar com as críticas e estar sempre preparado para fazer o seu caminho na oposição.

Quais são os desafios políticos que o esperam em Oeiras?

Desafiar um apatchik do PSD que, nos últimos 10 anos optou por andar jogar em dois tabuleiros ao mesmo tempo. O que quero dizer com isto? Vou ser muito claro: que ao mesmo tempo que eram dirigentes do PSD ajudavam à consolidação de um movimento independente no concelho de Oeiras e concorriam contra o próprio partido nas eleições

Fernando Santos com Ricardo Lino Rodrigues, candidato a Presidente da Mesa da Assembleia do PSD Oeiras



autárquicas. Pior, que tudo fizeram para que o PSD deixasse de apresentar em Oeiras candidaturas sérias e com vontade de vencer ou, pelo menos, fazer a diferença.

Como é que se consegue inovar mais em Oeiras?

Esta pergunta é mais própria para um programa eleitoral... O programa eleitoral do PSD para as autárquicas de 2025. De todo o modo é importante desconstruir o mito de que Oeiras é o melhor sitio para viver e que não há nada para melhorar.

Oeiras é sem dúvida um concelho de excelência, e isso muito se deve ao trabalho dos autarcas do PSD ao longo dos últimos 50 anos, mas ainda tem um caminho longo a percorrer quando se se quiser equiparar a outras cidades europeias.

Em menos de 10 anos, Oeiras deixou de ser o 4º concelho mais atractivo do país, para passar a ser apenas o 15.º. Apesar de toda a propaganda, a verdade é que Oeiras é hoje um concelho muito menos atractivo do que era em 2015. Desde essa data o concelho perdeu empresas, perdeu população, e, com excepção do NOS ALIVE, revela



Intervenção de Fernando Santos no 39º Congresso do PSD, no Porto

uma enorme dificuldade em promover um roteiro cultural que coloque Oeiras no radar do turismo internacional.

Na área da mobilidade, onde continua a ser evidente o atraso de Oeiras em relação a Lisboa ou Cascais. É incompreensível que em 2024 Oeiras continue a não ter um plano estrutural e com a capilaridade necessárias para provir todo o território com soluções de mobilidade suave. Isto ao mesmo tempo que toda a política deste executivo parece estar focada para o licenciamento desenfreado de novos empreendimentos residenciais e na promoção do automóvel como meio preferencial de deslocação. É um modelo de desenvolvimento do território que me parece desfasado e que tenho alguma dificuldade em acompanhar.

A nível financeiro, é urgente reequilibrar as contas da autarquia. Em pouco mais de 6 anos Oeiras passou de ser o Município com o melhor equilíbrio Orçamental em todo o país, para já nem constar no TOP35. E a tendência é de agravamento dos desequilíbrios financeiros.

Depois a nível ambiental, onde Oeiras continua a não ser um exemplo. Em 2024 continua a não existir um (obrigatório) plano de combate às alterações climáticas, assim como um programa de descarbonização do território. Sim, a neutralidade carbónica e o ordenamento sustentável são possíveis, e há muitos exemplos por essa Europa fora, de políticas ambientais de sucesso que cooperam com o desenvolvimento económico e social das populações.

E isto não são bandeiras da esquerda ou da direita! São os temas da mais relevantes da atualidade, e que em Oeiras continuam a ser totalmente relevados para segundo plano ou até desconsiderados.

Mas podemos ir mais longe, criação de um plano estratégico na área da educação, que num prazo de 15 anos coloque Oeiras a disputar os rankings de sucesso escolar com os melhores exemplos a nível europeu é fundamental.

Muitos dirão que estas e outras medidas já se encontram todas a ser implementadas em Oeiras, mas a realidade mostra-nos outra coisa, e deve ser o papel do PSD assumir a liderança de uma nova visão para o Município.

Qual é a sua mensagem para os militantes do PSD de Oeiras?

De esperança! Que continuem a acreditar que existem pessoas que querem fazer política apenas por convicção e sentido de missão, e que juntos podemos fazer a diferença e promover uma mudança na nossa secção !

Quais são as suas prioridades como político nesta fase da sua vida?

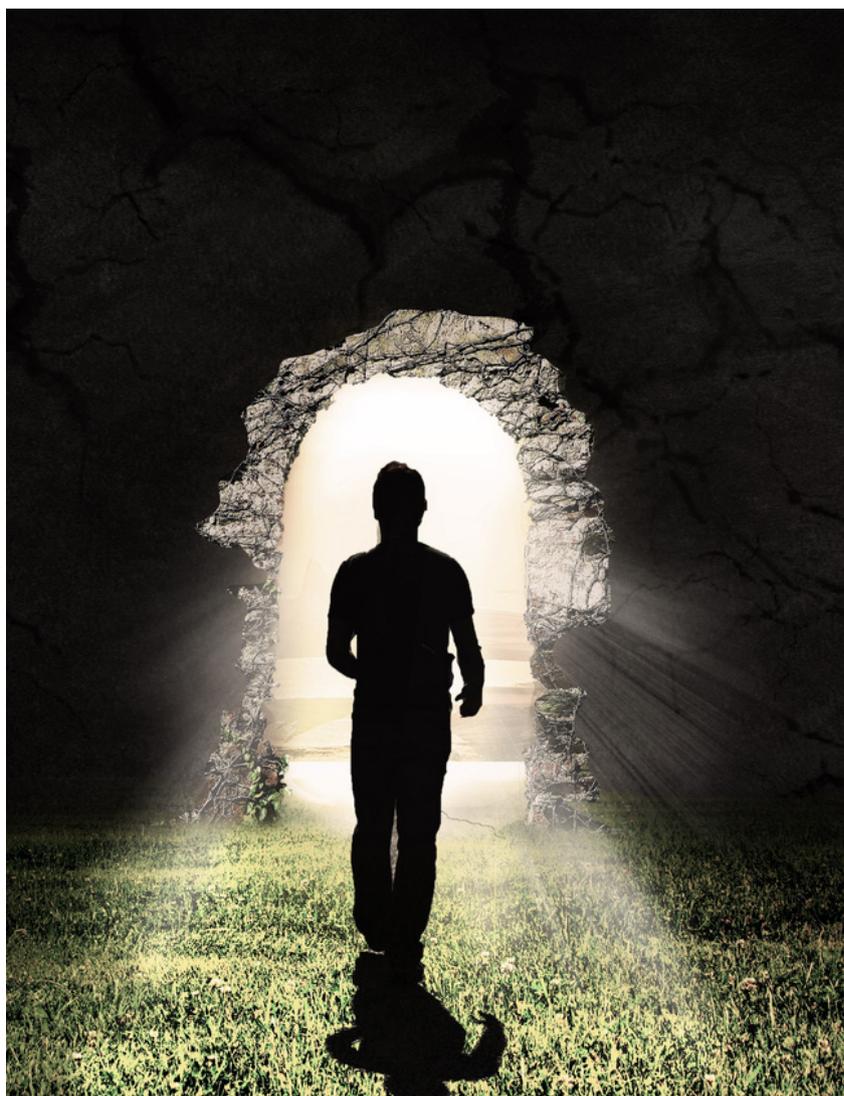
As minhas prioridades como político são indissociáveis das minhas prioridades enquanto ser humano: conquistar a mulher da minha vida, constituir família e ser feliz no seu seio e na percussão das causas com que me identifico. 

opinião

O poço e o foço dos portugueses



LILIANA MOREIRA PINTO
PROFESSORA



Será que os portugueses têm vindo a prosperar com os Fundos Europeus? Será que este dinheiro serve para investimento, ou simplesmente para um consumismo desenfreado de entidades singulares e coletivas? Será que no dito investimento existe com uma expectativa de recuperação desse capital, ou simplesmente para passar uma boa temporada num hotel 5 estrelas? Será que as empresas têm a longo prazo obtido uma remuneração superior dos capitais aplicados?

Portugal, sendo dos países que mais capital europeu recebeu ao longo destes anos, conseguiu que se criasse valor para os investidores e simultaneamente para ele próprio? Será que esses subsídios, quer a fundo perdido, quer reembolsáveis aumentaram a produtividade das empresas? Ou serão simplesmente para aumentar o número de trabalhadores e assim ter o efeito inverso na eficiência destas a longo prazo? Será que foi criado valor para aumentar a capacidade das empresas de gerarem vantagens competitivas sustentáveis face à

concorrência? Tantas questões podem ser colocadas e nós pelos portugueses, tantas respostas podem ser dadas. Mas todos nós sabemos por estatísticas apresentadas, que cada vez mais o nosso Pequeno/Grande País e infelizmente, sim este ano, a Roménia poderá ultrapassar-nos no PIB per capita, com o reflexo na capacidade de criação de valor e crescimento económico.

É isto que nós queremos? Nós queremos e exigimos um país, uma cidade, uma aldeia, um local onde **AQUIHÁFUTURO! VIVA PORTUGAL!** 

política local

O PSD em Oeiras merece muito mais!



JOSÉ SOARES
GESTOR

Ao longo dos últimos anos, muitos militantes do PSD de Oeiras foram alimentados com a ideia que as forças políticas locais eram conduzidas de forma natural.

No entanto, num concelho onde o PSD já foi a maior força política, e tem vindo a perder eleitores de eleição autárquica em eleição autárquica, e que em 2021 ficou a meros 400 votos do Bloco de Esquerda, há que parar para pensar se tudo está realmente a acontecer de forma normal.



Importa não perder de vista que o PSD há 7 anos que só elege um vereador e que há muitos mais não conquista qualquer junta de freguesia.

O PSD tem na sua longa história uma capacidade de reformar e construir comunidades com uma qualidade de vida acima da média nacional. E em Oeiras, não podemos esquecer que o concelho teve o seu grande crescimento com a governação social-democrata.

Porém, os números atuais são alarmantes para o PSD, com um resultado medíocre de apenas 7.91% dos votos nas últimas eleições autárquicas. Perante este dado não existem dúvidas: caminhamos a passos largos para perder e nunca mais recuperar a confiança e o reconhecimento dos Oeirenses.

Se nada mudar, o PSD Oeiras está em vias de se tornar um partido sem expressão a nível autárquico.

Perante este cenário há que promover esta reflexão: o que levou o PSD Oeiras a um fim anunciado?

A resposta é simples: uma incapacidade de atrair novos quadros e de abraçar uma estratégia de conquista do poder.

Mas há uma esperança! O movimento Aqui há Futuro! tem estado a fazer um trabalho político sério, em liberdade, com ética e seriedade.

É preciso um novo projeto que eleve o PSD Oeiras e o coloque no patamar que já foi seu, não por direito, mas porque era merecedor da confiança dos oeirenses.

Nós temos a ambição para colocar o PSD de Oeiras no maior partido do concelho! Vamos trabalhar porque Aqui há Futuro! 

economia

Fuga de talentos para o exterior



JOSÉ GATO BONITO
GESTOR DE EMPRESAS

Portugal apresenta uma estrutura salarial baseada em salários baixos. Para entendermos a origem deste problema, é pertinente compará-lo com Espanha, país que mantém uma forte conexão económica com Portugal e partilha uma história semelhante, tanto em épocas remotas quanto recentes, incluindo a transição para a democracia há cerca de 50 anos.

Dados do Eurostat indicam que, em 2023, o salário médio anual de um trabalhador português era 20% inferior ao de um trabalhador espanhol (€33.558 em Portugal contra €42.199 em Espanha). Esta disparidade reflete-se diretamente nos salários

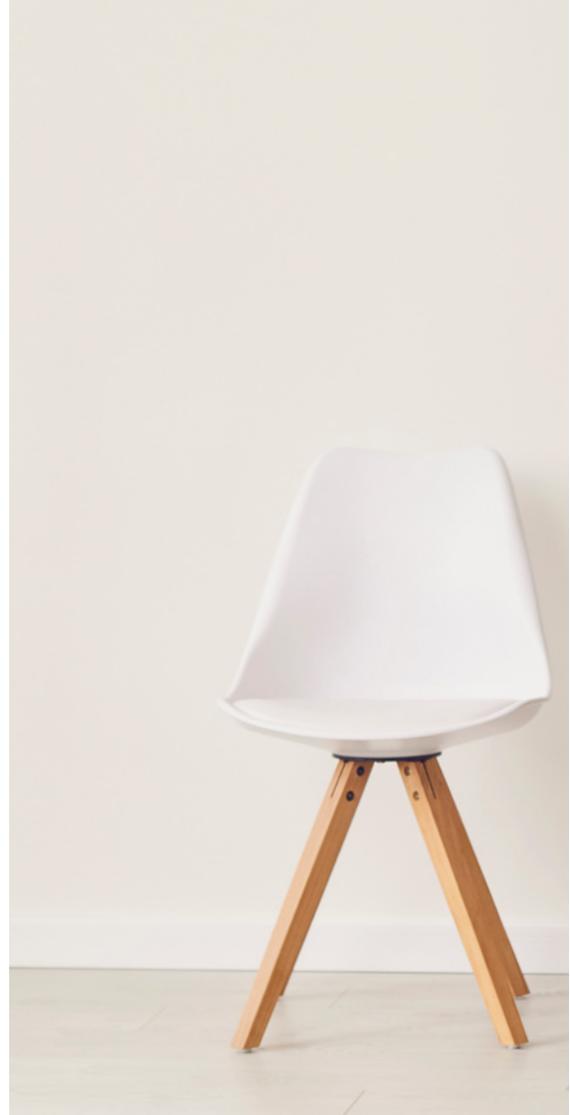
mínimos, sendo o português também 20% inferior ao espanhol (€13.020 em Portugal e €16.476 em Espanha, considerando ambos os casos os subsídios de almoço - fonte: Eurostat).

Um estudo recente da CEINSA e da Seresco revela que, contrariando a percepção geral, esta diferença mantém-se ou até agrava-se ligeiramente em funções especializadas. Por exemplo, o salário médio de um contabilista em Lisboa é 30% inferior ao de um colega em Madrid, e um programador em Lisboa recebe 23% menos do que alguém na mesma função em Madrid. Nas funções públicas, encontram-se disparidades salariais semelhantes.

Não é de estranhar que os nossos talentos aceitem empregos em outros países, dadas as significativas diferenças salariais (ainda mais acentuadas se considerarmos países como Alemanha, Dinamarca ou Suíça). A emigração de talentos obriga as empresas a recorrerem a quadros menos qualificados, resultando em perda de eficiência e produtividade. Isso alimenta o ciclo de salários baixos, pois empresas pouco produtivas não têm como aumentar os salários.

Para quebrar este ciclo, é crucial entender o impacto do salário mínimo neste contexto. Não é coincidência que as diferenças percentuais no salário mínimo sejam semelhantes às observadas nos salários médios e nas funções analisadas. A lógica das estruturas salariais e da produtividade conduz a este cenário.

Assim, torna-se urgente estabelecer metas realistas para diminuir a disparidade salarial entre Portugal e o resto da Europa, começando por eliminar a diferença com Espanha. Deve ser um objetivo nacional, alcançado por consenso entre todos os partidos, igualar o nível salarial de Espanha num prazo de 10





anos, com um objetivo intermédio de reduzir a diferença salarial para 10% em 5 anos.

Contudo, não se pode exigir que as empresas absorvam um aumento de 20% nos custos salariais, nem que o Estado sobrecarregue os contribuintes com um acréscimo de 20% nos custos com salários na função pública. Portanto, a única forma de implementar esta mudança é estabelecer um programa de ganhos de produtividade tanto no setor privado quanto no público, comprometendo-se com um reflexo salarial direto. Aqui estão algumas medidas que podem ser adotadas: Melhoria da eficiência na função pública, com foco na administração pública, através de programas de formação de

funcionários e investimento em ferramentas produtivas. O objetivo é reduzir o número de funcionários públicos em 20% em 10 anos, com um aumento real nos salários dos remanescentes de 20%.

Transição dos programas de apoio à contratação do Estado para programas de apoio à formação e investimentos produtivos. As empresas beneficiárias comprometem-se a adotar tabelas salariais que reflitam os ganhos de produtividade advindos da formação e dos investimentos apoiados.

Estabelecimento de um programa de aumentos salariais para o salário mínimo e para os funcionários públicos, indexados à correção das diferenças para os salários mínimos de Espanha ou da média europeia.

Estas medidas, alinhadas com os princípios da social-democracia, visam promover a justiça social através da redistribuição de renda e melhoria das condições de trabalho, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e produtiva. 

livros

As Causas do Atraso Português de Nuno Palma



VÍTOR CARMONA
GESTOR DE PESSOAS

"As causas do atraso português" é livro da autoria de Nuno Palma, professor catedrático no departamento de economia da Universidade de Manchester e Diretor do Arthur Lewis Lab for Comparative Development, da mesma universidade. É Investigador do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa e do Centre for Economic Policy Research, de Londres.

Este livro questiona as causas para Portugal ser aos dias de hoje um país rico ao nível mundial, mas pobre no contexto europeu. O autor procura o enquadramento com base no contexto histórico do passado de Portugal e lança

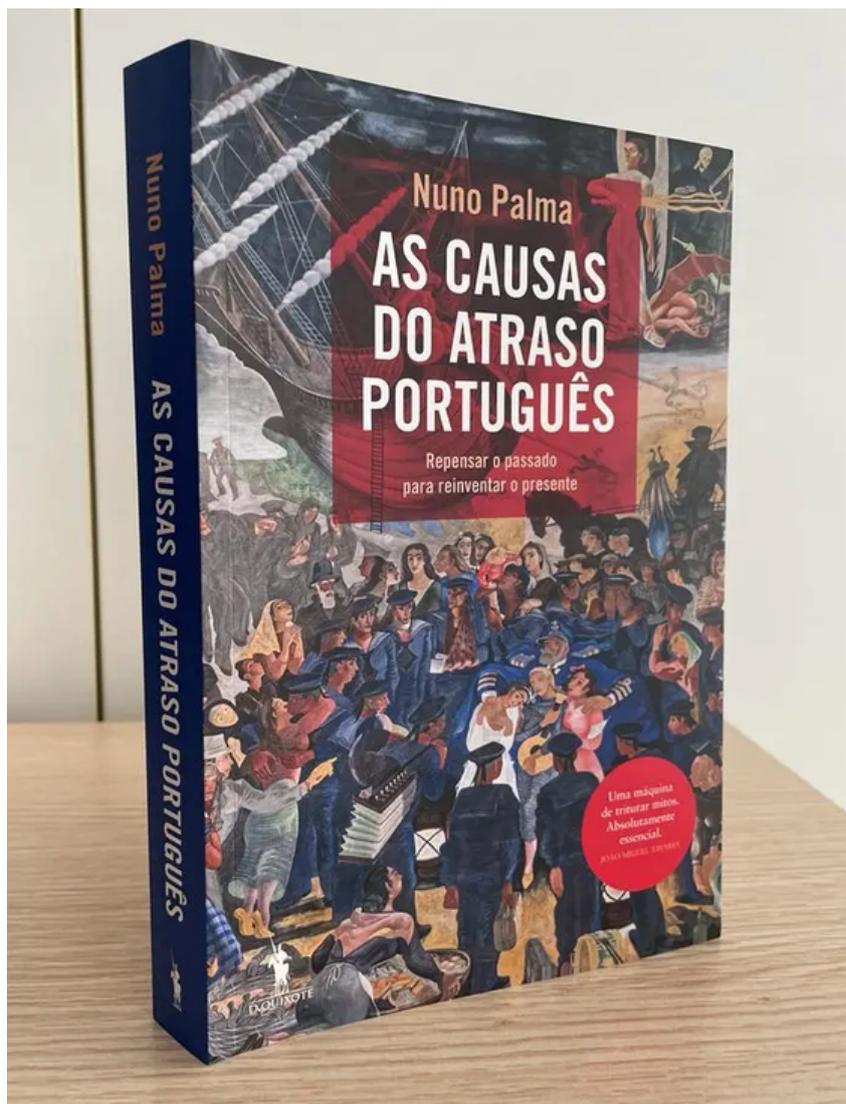
perspetivas do que pode ser feito para melhorar a nossa situação. O autor faz uma análise detalhada dos últimos séculos de Portugal: dados demográficos, dados económicos, dados de âmbito social, entre outros. Portugal era, pelo século XVII um país que liderava o pelotão da frente da Europa, no entanto, o autor chegou à conclusão de que o nosso atraso estrutural se iniciou no século XVIII.

As causas deste atraso continuam presentes no Portugal contemporâneo e têm impedido uma recuperação deste nosso atraso.

Nuno Palma debruça-se sobre a parte relativa ao período da gestão do Marquês de Pombal, que o autor apelida de “desastre em termos de economia”.

A referência à “maldição dos recursos”, que são casos paradigmáticos dos países produtores de petróleo, no nosso caso pode-se aplicar à suposta “idade do ouro”, com oportunidades de desenvolvimento perdidas.

Agora com o recurso aos fundos da UE (que já duram há algumas décadas) Portugal não está também a conseguir dar o salto! **i**



pelos
caminhos de...

Parque dos Cisnes, Miraflores



**CERCA DE
1000 NOVOS
FOGOS EM
CONSTRUÇÃO**

No passado mês de março, revisitámos a zona do Parque dos Cisnes, em Miraflores. São cerca de 1000 novos fogos e outros tantos escritórios que estão a nascer numa área de terreno com pouco mais de 5 hectares. Toda esta densidade é ainda mais grave quando existe

apenas uma via de acesso rodoviária para sair deste loteamento, o que irá criar sérios problemas de segurança e qualidade de vida para quem já aqui reside e para os novos moradores. Os problemas a jusante tendem a agravar, uma vez que a construção em zona de cheia é uma realidade,

impermeabilizando o solo e criando ainda mais problemas na baixa de Algés.

A Associação de Moradores de Miraflores informou que a investigação do Ministério Público continua em curso, no sentido de apurar as alegadas ilegalidades deste empreendimento. **i**

cartoon

O Conde e o Marquês



idades com
futuro

A mobilidade de Oeiras



PEDRO FONSECA
ARQUITETO/URBANISTA



A mobilidade é a capacidade e a facilidade de nos movermos de um local para o outro: de casa para o trabalho, para a escola, comércio ou para a nossa vida social.

A mobilidade nas cidades é fundamental para a nossa qualidade de vida. Ninguém gosta de passar horas a fio no trânsito! É por isso que devemos residir próximo do local de trabalho e dos locais que mais gostamos de frequentar.

Mas há um limite que ultrapassa a mobilidade física das cidades, caso contrário, os acessos viários aos centros urbanos teriam de ser de uma grande dimensão! Assim, para além da necessidade de existirem horários faseados (como por exemplo o início das aulas), as cidades devem ainda proporcionar alternativas de mobilidade ambientalmente sustentáveis: seja por via de uma oferta de transportes públicos de qualidade (vias BUS, equipamentos seguros, rápidos e pontuais), mas também as vias

exclusivas para a mobilidade suave (caminhar a pé, com segurança, ciclovias para bicicletas ou trotinetas).

As vias de mobilidade suave/ativa têm que estar intimamente ligadas às estações intermodais, em rede intermunicipal e atravessar as zonas residenciais. Devem ter escalas de velocidade rápida ou lenta. Por exemplo, nos Países Baixos, as auto-estradas têm uma ciclovias paralela que as acompanha, sendo possível percorrer grandes distâncias somente em bicicleta.



A MARGINAL DE OEIRAS É ESPORADICAMENTE FECHADA AO TRÂNSITO RODOVIÁRIO PARA A REALIZAÇÃO DE EVENTOS TEMÁTICOS

Em Oeiras, o caso da mobilidade é paradigmática: só aparece de vez em quando, com grandes eventos e ruas fechadas. É realmente uma festa da comunidade que o público saboreia tão bem. Mas sabe sempre a pouco...

Claro que estas iniciativas são muito positivas, como foi o caso da celebração do “Dia Mundial da Atividade Física”, realizado no passado dia 6 de abril, onde os municípios de Lisboa, Oeiras e Cascais uniram-se para nos deixarem pedalar, correr ou andar a pé nos mais de 15km’s da marginal. Houve uma série de atividades lúdicas e recreativas, jogos tradicionais, aulas de fitness, de Yoga, insufláveis e tiro com arco. Foi uma manhã muito bem passada, em que todos os moradores e visitantes puderam participar.

No entanto, a mobilidade permanente de Oeiras ainda

está por ser implementada e só aparece de forma sazonal. É que no dia-a-dia os oeirenses veem-se gregos para chegar a algum lado de bicicleta, ou até a pé! Se, por exemplo, caminharíamos da Quinta da Fonte, ao Oeiras Parque (cerca de 900 metros), constatamos que não existem passeios. E se quisermos ir de bicicleta de Miraflores à ciclovía de Algés (mas já em Lisboa, cerca de 700 metros), teremos que circular lado-a-lado com automóveis que pesam várias toneladas... e o perigo é ainda maior quando seguimos com crianças.

É por isso que podemos afirmar que o território de Oeiras precisa urgentemente de um Plano para a Mobilidade! As vias rodoviárias não são a única mobilidade do concelho.

Oeiras, mesmo que com algumas nuances orográficas, tem condições para promover as deslocações curtas em transportes amigos do ambiente e durante todas as estações do ano (não apenas duas ou três vezes, quando se fecha a marginal ao sábado). A mobilidade suave não é apenas benéfica para a nossa carteira e em termos de consumos energéticos importados, é também o nosso bem-estar que melhora, queimamos calorias, fortalecemos o coração e libertamos endorfinas que nos fazem viver mais felizes!

Precisamos de um Plano de Mobilidade que pense à escala humana e reduza a necessidade de se construírem parques de estacionamento sempre insuficientes, uma vez que para curtas distâncias, haverá sempre uma alternativa que dispensa o uso do automóvel. 

